

Egressos do IFC montam gestora de private equity

Daniilo Fariello
De São Paulo

Princípios de governança corporativa que regem os financiamentos do Internacional Finance Corporation (IFC, braço financeiro do Banco Mundial) agora pautarão os investimentos em private equity da recém-criada Cartica Capital. A empresa, que conta com três profissionais que acabam de deixar o IFC, pretende investir em empresas de capital fechado ou aberto de países emergentes, com vistas a desenvolver os procedimentos de governança das companhias e, com isso, obter retornos maiores. Um dos principais mercados em que o grupo está de olho em oportunidades é o Brasil, para onde vieram dois executivos esta semana.

“Queremos nos diferenciar entre outros gestores de investimentos alternativos pelos nossos conhecimentos em governança corporativa”, explica Mike Lubrano, diretor de gestão da Cartica e ex-chefe do departamento de governança do IFC. A idéia é aplicar recursos apenas em empresas que convidarem o grupo para investir e conceder a eles um assento no conselho de administração. Seriam companhias que, portanto, tenham a iniciativa de evoluir em aspectos de governança cor-

porativa semelhantes aos pregados pelo IFC. A estratégia se assemelha a algo que já faz a gestora Dynamo, entre outras, em âmbito local, mas a Cartica planeja aplicar recursos globalmente.

Mesmo empresas brasileiras que estejam já no Novo Mercado da Bovespa poderiam ser potenciais oportunidades de investimentos para o Cartica, porque ainda pode haver algum campo da governança a ser melhorado, avalia Lubrano. A melhora no envolvimento com partes relacionadas ou na dispersão de capital podem ser focos, inclusive para essas empresas, por exemplo. Tantas outras que ainda não chegaram ao posto máximo de governança também podem.

A Cartica foi fundada em Washington em parceria com a RHJ International — uma holding que busca projetos de longo prazo para investir — e planeja inicialmente abrir escritórios na Europa e na Ásia, para prospectar oportunidades. São 12 os países na mira dos gestores, que ainda estão levantando os recursos para aplicar. Os preferidos são China e Índia. “Somos a primeira empresa a aplicar segundo esses perfis globalmente”, diz Carlos Botelho, gestor da Cartica e outro ex-IFC que esteve por aqui nesta semana. A outra veterana do IFC



Mike Lubrano e Carlos Botelho: investimentos em companhias de capital fechado ou aberto de países emergentes

na Cartica Capital é a diretora-executiva Teresa Barger.

Por se tratar de investimentos em ações, o ciclo dos investimentos da Cartica será de longo prazo, mas nada que chegue a dez anos. “O prazo para se reverter as vantagens em melhora de governança não levam tanto tempo”, diz Lubrano. Na visão da empresa, o potencial das aplicações é

grande, porque as companhias de mercados emergentes tem, em geral, alto grau de concentração de controle e fraca governança. Na prática, investidores minoritários desses mercados ainda têm limites ao tentar impor mudanças corporativas, avaliam.

Embora seja positivo em questões de longo prazo, o grau de investimento do Brasil pegou tam-

bém a Cartica de surpresa. Há um temor agora de que as ações comecem a subir rapidamente, restringindo as oportunidades de investimento para eles, diz Botelho. Segundo ele, setores vistos com bons olhos no Brasil atualmente são os de varejo e infra-estrutura, principalmente transportes. Também serão avaliadas oportunidades no setor imobiliários, diz Botelho.